

ALGUMAS HISTÓRIAS DOS GRUPOS DE SKINHEADS NO BRASIL: AS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DAS FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS “CARECAS DO BRASIL” E DO PODER BRANCO PAULISTA

FRANÇA Carlos Eduardo*

RESUMO

As identidades emergentes dos grupos de *skinheads* que se organizaram no Brasil a partir de 1981 são aprisionadas, no senso comum da sociedade e em algumas pesquisas acadêmicas, em categorias explicativas estáticas, que não dão conta de captar a fluidez das diversas percepções e práticas sociais divergentes existentes entre os membros desses grupos no cotidiano. Neste sentido, a tônica do presente artigo é norteadada pela narrativa da pluralidade das percepções e ações sociais dos grupos de *skinheads*, que articulam suas práticas no cotidiano das cidades brasileiras. Buscamos chamar a atenção para os elementos identitários diacríticos que diferenciam os “carecas do Brasil” do Poder Branco Paulista que, apesar de ambos serem *skinheads*, entram em frequentes conflitos cotidianos.

Palavras-chave: *skinheads* brasileiros, violência urbana, pluralidade identitárias, carecas do Brasil, Poder Branco Paulista.

* Docente da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba); Mestre em Ciências Sociais pela UNESP/Marília, autor da Dissertação “O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos *skinheads* ‘carecas do Brasil’ na sociedade paulista contemporânea”, Marília, Unesp/2008, Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. e-mail: ce_francadr@yahoo.com.br

Os primeiros *skinheads* se organizaram na Inglaterra em 1966, como ato de rebeldia dos jovens da classe operária inglesa diante da crise econômica e social vivenciada pelo país, introdução de novas tecnologias, onda de desemprego e inserção de minorias étnicas que aceitavam trabalhar por salários não compatíveis com os tetos sindicais fixados pelos operários tipicamente britânicos.

As influências das primeiras informações sobre os *punks* e, em menor medida, dos *skinheads* britânicos, tiveram efeito no Brasil a partir de 1977 através de discos, revistas especializadas, jornais, entre outros meios de circulação de informações. Os vários setores ligados à imprensa investiram na apropriação de informações e disseminação de imagens homogêneas imbuídas de pré conceitos sobre esses grupos sociais em caráter internacional.

O cenário urbano conflituoso da Grande São Paulo, nos primeiros anos de 1980, encontrava-se permeado por rixas entre os *punks da city* e os *punks* dos subúrbios. A associação destes últimos com alguns “carecas” dos territórios da Zona Leste e ABC paulista, abriu espaço ao surgimento de novos atores sociais constituídos por jovens provenientes dos segmentos de trabalhadores. Esses, ao aproveitarem o período de contradições, divergências de posturas e tensões ocorridas no interior dos grupos *punks*, articularam a formação de um grupo singular apresentado com o nome de “carecas do subúrbio”, e reunido em torno de uma forma identitária própria composta por certa agressividade corporal e incorporação de novas idéias ligadas à procura de um nacionalismo pouco definido do ponto de vista teórico de proposta de projeto de sociedade.

As conjunturas históricas de crise econômica e social mundial abriram espaço para a formação de várias gangues ou “tribos urbanas”, como ressalta Michel Maffessoli (1989) em seu livro “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas

sociedades de massa”, como os grupos de *skinheads* ingleses que ganharam maior visibilidade no cenário internacional nos primeiros anos da década de 1980, após terem se envolvido em uma série de manifestações violentas que chamaram a atenção dos setores ligados à imprensa britânica e internacional.

Esses conflitos urbanos ocorridos na Inglaterra ganharam maiores destaque em julho de 1981, momento no qual foram produzidas manchetes com a acusação dos *skinheads* ingleses serem os responsáveis pelo cenário de caos e confrontos urbanos do momento, pelo fato de serem entendidos pela imprensa como racistas, intolerantes, xenófobos, que constituíam elementos violentos organizados como “verdadeiras tropas de choque”, como diz Vizontini (2000), articuladas e facilmente manipuladas pelos partidos de extrema-direita, que lançam propostas de se oporem politicamente à entrada de minorias étnicas e estrangeiros no país.

No Brasil, por volta de 1981 e 1982, momento em que os confrontos envolvendo os grupos de *skinheads* britânicos contra estrangeiros eram focalizados pela imprensa, a problemática residia no conflito interno dos grupos *punks*. Com a difusão do estilo *new wave* no país e a distensão dos *punks*, houve o fortalecimento do primeiro grupo de *skinheads* “carecas do subúrbio” enquanto ala radical do *punk* que surgiu nos subúrbios de São Paulo.

Como reação e oposição diante da eclosão do *new wave*¹, os “carecas do subúrbio” se apresentavam através da afirmação de valores e idéias que

¹ O *new wave* pode ser entendido como a possibilidade da assimilação do punk pela moda, pela mídia, pela sociedade de consumo que o levaria a sua morte, a exemplo da vertente bastante expressiva que surgiu no cenário punk brasileiro do início dos anos 80 e que gerou vários conflitos entre os grupos *punks*. CAIAFA, Janice. Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

simbolizavam conotações agressivas, que retomavam as práticas dos *punks* da década de 1970. Deste modo, se apresentavam de forma violenta na sociedade por acreditarem que essas ações faziam sentido na realidade complexa e conflituosa na qual estavam inseridos.

A violência das gangues e dos moradores suburbanos como relacionada e entendida pelo fato desses sujeitos estarem inseridos em um meio social marcado por dificuldades econômicas e problemas cotidianos de convivência, lança luz à apreensão dos argumentos que sustentam os comportamentos violentos dos “carecas do subúrbio”. Esses *skinheads* tentam justificar que adotam posturas agressivas e se afirmam socialmente através da violência por serem “duros como a realidade”, e por residirem em um ambiente social conflituoso no qual estão presentes problemas como roubos, drogas, tráficos, brigas de rua e onde predomina no imaginário das pessoas a idéia da “lei do mais forte”. A percepção desses sujeitos sobre sua realidade social violenta na qual estão inseridos pode ser observada em suas práticas sociais agressivas contra outros grupos identitários. Esses criam espaços de conflitos entre gangues com percepções espaciais e sociais diferentes que, por não se conhecerem em sua concretude cotidiana, se agridem por meio de estratégias culturais de assepsia espacial e com práticas avessas à democracia.

Há diversos sinais diacríticos que diferenciavam os “carecas do subúrbio” dos outros grupos sociais se aglutinam em torno das posturas de agressividade e violência, simbólica e real, que são as idéias pouco estruturadas de nacionalismo, os tipos de vestimenta com calça, camiseta e suspensórios que lembravam à imagem dos típicos operários, o “corte careca”, a afirmação da origem de classe e das características operárias expressas em seu meio social, Zona Leste e ABC paulista², que

² MARTINS, José de Souza Martins. **Subúrbio:** vida cotidiana e história no subúrbio da cidade

possui elementos que reforçam a representação operária desses grupos, apesar de não serem ligados realmente à classe operária³, expressam valores típicos dos trabalhadores de um modo geral, como a busca de dignidade através do trabalho, o respeito e reconhecimento social buscado por terem que trabalhar para sobreviver, ênfase nas condições de virilidade, defesa dos explorados e desempregados, crítica as políticas econômicas postas em prática pelo Estado e a auto-afirmação diante da sociedade por meio do uso da violência.

Em torno da tônica dos discursos dos *skinheads* “carecas do subúrbio”, podemos pensá-los como um grupo de jovens que adotam, concomitantemente, posturas sérias inerentes ao modo de vida e valores do mundo dos adultos, como a preocupação com o trabalho, ênfase na disciplina e responsabilidade no desempenho das funções nas esferas da vida, defesa de papéis machistas que reforçam condições de virilidade difundidas dentre amplo segmento da sociedade, preocupação quanto aos problemas nacionais, sustentação de posições contrárias às drogas.

Por outro lado, os “carecas do subúrbio” podem ser vistos como sujeitos com posturas típicas da juventude e que, muitas vezes, se aproxima do estado de delinqüência ao deflagrar ações violentas contra minorias que não se enquadram em seus padrões de personalidade aceitos, a exemplo da comunidade gay brasileira; ou contra grupos que defendem práticas e pensamentos diferentes como os *punks*, os hippies; organização social na forma de gangues; utilização, como ocorreu no início

de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HICITEC, 1992.

³ Nas Qualificações presente no Processo Crime n.º 052.00.000.431-8 os *skinheads* identificados possuem vínculos empregatícios de segurança, office-boy, ajudante de despachante aduaneiro, inspetor, vendedor, que são profissões ligadas ao setor terciário, vinculados à prestação de serviços e não a classe operária em si.

do movimento, de símbolos malvistas socialmente como a suástica nazista; permitindo-nos observar as manifestações deste grupo como variando entre os valores do mundo adulto e os inerentes a condição juvenil dos seus membros, que busca, constantemente, uma identidade diante da sociedade.

Depois da manifestação dos “carecas do subúrbio” em 1981, os *skinheads* brasileiros se dividiram em diversos grupos identitários distintos e, ao contrário das representações sociais que muitas pessoas possuem em seu imaginário, há a presença feminina na composição grupal desses jovens, a exemplo das garotas “carecas do ABC”. Um dos elementos fundamentais que compõem a identidade dos grupos de *skinheads* é a exacerbação da masculinidade presente tanto nas ações dos homens que integram esses grupos, quanto nas gestualidades e comportamentos das moças. No entanto, existem sinais diacríticos que diferenciam os diversos grupos que se organizaram no decorrer da década de 1980, como as posturas nacionalistas, extremistas e neonazistas que aparecem de formas diferenciadas nos diversos grupos de *skinheads*, como percebemos entre os “carecas do Brasil”, que não se declaram como neonazistas, e os neonazistas do Poder Branco Paulista.

O momento de maior densidade de conflitos entre os múltiplos grupos de *skinheads* e, também, entre esses grupos e setores populares, instituições sociais e partidárias de esquerda como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT), foi nos últimos anos de 1980. Neste momento, os grupos dos “carecas” começaram a ser mais focalizados e evidenciados pela imprensa, jornais e revistas de maior tiragem⁴.

Neste processo conflituoso, os “carecas do subúrbio”, “carecas do ABC” e “carecas do Brasil” viram a necessidade de

redefinir suas posturas através na reelaboração de suas idéias e afirmação dos seus valores e identidades através dos discursos diante da inserção de novos atores e grupos sociais que, provenientes dos segmentos médios da sociedade, ingressaram como *skinheads* no cenário brasileiro, e identificaram-se como *White Power* (Poder Branco). Esse grupo se pôs nos cenários urbanos das gangues paulistanas com manifestações que afirmavam pensamentos radicais, a exemplo da retomada de símbolos do nazismo como a suástica, a consideração do negro como primitivo, do nordestino como degenerado e do branco paulista como civilizado⁵, atuando por meio de ações violentas de revolta como respostas específicas frente às dificuldades enfrentadas por essa camada social no processo de modernização acelerada do parque industrial e desemprego crônico do final dos anos 1980⁶.

A reelaboração das idéias e afirmações identitárias dos “carecas do Brasil” ocorreu pelo fato das atitudes radicais do grupo Poder Branco ter chamado

⁴ Entrevista com a Prof.^a Dr.^a Márcia Regina da Costa, PUC/SP, 19/02/2003.

⁵ Ver ALMEIDA, Alexandre. *Skinheads*: os “mitos ordenadores” do Poder Branco paulista. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 2004.

⁶ Paralelamente ao surgimento dos novos atores sociais no movimento skinhead brasileiro defensores de posturas neonazistas e racistas apresentados com o nome de “White Power”, observamos que no cenário mundial estava havendo a eclosão de intensos conflitos no conglomerado multinacional da região do Leste Europeu após a queda do muro de Berlim em 1989, podendo ser entendidos como manifestações deflagradas por movimentos extremistas, grupos de *skinheads* e por comunidades “eticamente homogêneas” e defensoras da concepção de “nacionalismo étnico” alicerçado em uma ideologia que pressupõe práticas sociais racistas, de ódio étnico, expansionistas e revanchistas, além de confrontos entre uma população étnica majoritária contra minorias sociais que convivem em um mesmo espaço geográfico, contrariando, assim, as premissas de uma Europa democrática e unificada (HOCKENOS, 1995, p.13-35).

a atenção da imprensa, que começou a evidenciar as manifestações dos diversos *skinheads* brasileiros como sendo todas de caráter neonazista, reforçando representações homogêneas desses grupos nas quais todos eram apresentados com o estereótipo de jovens violentos, neonazistas e racistas.

Os integrantes do grupo Poder Branco paulista se diferenciavam dos grupos de “carecas do Brasil” uma vez que se declaravam claramente como herdeiros das idéias nazistas, e reafirmavam com símbolos e signos como a suástica e Cruz Celta as teias de significados que conferiam identidade ao grupo. Preocupavam-se em afirmar práticas sociais que correspondiam com essas representações violentas, com ações fundamentadas posturas racistas que os conferiam a identidade de neonazistas, com sustentação de preconceitos sociais, quanto outras etnias a exemplo dos negros, e povos de outras regiões, como os nordestinos migrantes que se inseriram na cidade de São Paulo e provocou reações em 1980. Defendiam, a partir desses preconceitos, algumas idéias e mitos sociais que ordenavam suas práticas, como o mito da defesa da superioridade étnica e da hegemonia da raça branca paulista frente aos outros povos e minorias considerados por eles como sendo inferiores⁷.

Os sinais diacríticos que singularizam os *skinheads* do Poder Branco paulista em comparação com os “carecas do Brasil” são fundamentados nos mitos reunidos e rearticulados na mente desses grupos que, utilizando Chartier (1990), são responsáveis por influenciar nas representações sociais presentes no imaginário desses atores cotidianos, e na orientação de suas práticas com conotações de violência na concretude da realidade social. Os sinais, símbolos e mitologias que singularizam os integrantes do Poder Branco paulista foram reunidos na pesquisa tendo como referência a

Dissertação de Almeida (2004)⁸.

O Poder Branco paulista qualifica, por meio de categorias, todos os sujeitos sociais e, a partir daí, buscam legitimidade nos mitos e nos aspectos inerentes a identidade grupal para colocar em prática suas ações sociais diante das outras pessoas. Os mitos políticos de supremacia racial branca, a secessão paulista e conspiração judaica constituem três criações imaginárias e representações inventadas que orientam as práticas desses sujeitos no cotidiano.

O primeiro mito ordenador do Poder Branco paulista é o da supremacia racial branca. É prática comum em veículos que divulgam informações, instituições sociais e no cotidiano popular a distinção dos acontecimentos envolvendo grupos entre “civilizados” e “bárbaros”, como discussões presentes no livro “Civilização & Barbárie” organizado por Adauto Novaes (2002), delimitando no senso comum noções de existência de indivíduos “superiores” e “inferiores”. A noção de supremacia da raça branca é inventada pelo Poder Branco paulista para classificar hierarquicamente os grupos sociais considerados inferiores.

Por acreditarem que a raça a qual o indivíduo pertence exerce influência de determinação em seu padrão de comportamento e delimita as diferenças culturais, o Poder Branco paulista acredita que a miscigenação entre as raças promovidas entre as relações dos brancos com os negros e migrantes nordestinos é o

⁷ Ver ALMEIDA (2004).

⁸ Nesta Dissertação intitulada *Skinheads*: os “mitos ordenadores” do Poder Branco Paulista, Almeida (2004) realiza análise de seletivo material sobre os *skinheads* integrantes do Poder Branco paulista, e constrói uma pesquisa fiel das formas de pensar e mitos defendidos pelo grupo acima qualificado, e faz uso de um olhar minucioso de pesquisador preocupado em analisar como esses sujeitos realmente pensam e quais as motivações subjetivas que os estimulam a agir de forma violenta contra outros grupos sociais. Para tanto, Almeida (2004) se afasta de pré-conceitos e considerações ideológicas que limitam a percepção da realidade concreta do objeto.

fator preponderante responsável pela criminalidade, delinqüência, mendicância e todos os males existentes na sociedade.

O negro é apresentado pelo Poder Branco paulista como a imagem da raça que se encontra em estágio primitivo, que possui a incapacidade biológica de evoluir e atingir o grau de civilização da raça branca. O Poder Branco paulista apresenta o negro como inserido na condição primitiva por possuírem características culturais e comportamentais inerentes à raça, e considera-o como indivíduo animalizado que se aproxima dos macacos e, pelo fato da escravidão ter acabado e o Brasil encontrar-se em um processo de modernização/modernidade dos seus setores industriais, o trabalho braçal dos negros não teriam espaço nessa sociedade.

O Poder Branco paulista projeta a figura do negro como o incapaz intelectualmente de se inserir socialmente devido sua condição biológica determinante que reúne características de inferioridade que o aproxima dos seres primitivos, e da associação com a imagem do criminoso e delinqüente responsável pelos problemas e ameaças ao branco. O grupo apresenta como solução a reação da raça branca civilizada contra os bárbaros negros, através do uso da violência como forma de eliminação social desses sujeitos, com a crença que essas medidas, que se aproximam da idéia de limpeza étnica, seria a solução para combater os índices de criminalidade e construir um estado de São Paulo melhor para se viver.

Outro mito inventado e presente no imaginário do Poder Branco paulista é o da imagem do nordestino como degenerado e, portanto, inferior, por estar sujeito à degenerescência do ser humano causada pela miscigenação entre duas raças consideradas como inferiores pelos membros do Poder Branco, mistura entre os negros e os índios.

Ao associar os nordestinos com pessoas degeneradas e doentes, os integrantes do Poder Branco paulista os consideram como responsáveis pelo atraso

do desenvolvimento do estado de São Paulo, pois o aumento da invasão dos nordestinos, considerados bárbaros, gradativamente degradaria, enfraqueceria e destruiria, de acordo com esses *skinheads* do Poder Branco, o corpo social sadio do estado de São Paulo composto por uma raça branca.

Consideramos que o Poder Branco paulista defende uma sociabilidade que pode ser considerada, utilizando as contribuições de Hockenos (1995, p.24-25), como fundamentada na idéia de “nacionalismo étnico” que pode ser entendida como a defesa de um projeto de Estado nacional, onde os direitos oferecidos pelos órgãos responsáveis por administrar politicamente o país não são legados de acordo com os direitos legislativos de cidadania oferecidos pelo Estado democrático ocidental, mas sim pelos privilégios adquiridos por meio de linhagens biológicas estabelecidas pela própria lei natural inerente a cada comunidade étnica ligada aos pensamentos de raça pura, superioridade étnica, grandeza nacional do branco paulista alicerçados em origens históricas de valores, costumes, culturas, e lingüísticas comuns.

Diferente do Poder Branco paulista, os “carecas do Brasil” reuniram em seus grupos aspectos próprios inerentes as especificidades étnicas e culturais do tecido social brasileiro, e ressignificaram as idéias dos *skinheads* ingleses para utilizá-las como elementos catalisadores de formação identitária dos grupos. Esses grupos aceitam negros, mestiços e povos de outras etnias no interior do grupo, e com isso os “carecas do Brasil” acabaram investindo em uma “ritualística local” (SCHWARZ, 1998, p.16) ao se apropriarem da particularidade étnica da composição social brasileira para alicerçar suas maneiras de pensar e seus aspectos nacionalistas de sociedade que, de acordo com eles, beneficiaria todas as “raças” brasileiras.

Apesar da aceitação de negros e mestiços na composição grupal dos “carecas do Brasil” não anular uma eventual agressão dessas etnias por parte desses *skinheads* por

motivos que estão para além dos relacionados às suas características raciais e regionais, o fato de articularem narrativas nas quais há a afirmação da possibilidade de todas as etnias e povos que compõem o Brasil lutarem na construção de um país melhor para todos constitui fator que atrai e convence os jovens em buscar se unir em torno dessas formas de sociabilidade identitárias, que distinguem-se do Poder Branco paulista por não quererem ser associadas com as representações sustentadas por este grupo de serem neonazistas e racistas declarados.

O surgimento e repercussão do grupo Poder Branco Paulista no cenário urbano, as representações construídas pela grande imprensa e as pressões exercidas pelas instituições de coerção do estado de São Paulo fizeram com que os “carecas do Brasil” repensassem e rearticulassem seus valores, idéias, símbolos, signos e significados através da reelaboração dos seus discursos e posturas no final da década de 1980, na busca de apresentar nos *fanzines* uma associação identitária com idéias mais claras e reafirmadas com imagens de combate às ações neonazistas do Poder Branco. O surgimento do Poder Branco como outro seguimento que reivindicou o nome de *skinheads* estimulou os “carecas do ABC”, do “subúrbio” e os grupos de “carecas do Brasil” à reforçarem suas idéias essenciais que os distinguiam desses *skinheads* mais extremistas e neonazistas, reforçando suas identidades na relação contrastiva com a nova forma identitária desses novos *skinheads* declarados como Poder Branco.

O cenário complexo das gangues de *skinheads* paulistanos, principalmente com a entrada em cena de novos atores sociais com idéias mais radicais, claramente racistas, neonazistas e separatistas como o Poder Branco Paulista, fomentou ressignificações de discursos, simbologias e de seus significados por parte dos grupos de “carecas do Brasil”. Assim, o que se fez necessário no processo de pesquisa foi dar

voz a esses sujeitos, buscar as *circularidades* de idéias e reinvenções identitárias de acordo com o surgimento desses novos sujeitos no cenário paulistano, e o maior enfoque dado pela mídia a esses pensamentos racistas do Poder Branco; o que foi possível através das fontes *fanzines* nas quais os “carecas” mostraram a tentativa de se fazerem reconhecer como diferentes dos grupos de *skinheads* que declaram abertamente suas vinculações com idéias neonazistas.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMO, H. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALMEIDA, A. *Skinheads: os “mitos ordenadores” do Poder Branco paulista*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- ARBEX, J. *Nacionalismo: o desafio à nova ordem pós-socialista*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BURKE, P. *Varieties da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *A história Hoje: dúvidas, desafios, propostas*. In: *Estudos Históricos: CPDOC 20 anos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol.7, n.13, 1994, p.97-113.
- CAVALARI, R. M .F. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.

- COSTA, M. R. Os carecas do subúrbio: caminho de um nomadismo moderno. SP: Musa, 2000.
- DIAS, M. “Hermenêutica do Quotidiano na historiografia contemporânea”. In: Projeto História – Trabalhos da memória. São Paulo, n.17, nov./1998, p.223-232.
- EISENSTADT, S. N. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. In BRITO, S. (Org.) Sociologia da juventude IV. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, 4v.
- ENRIQUEZ, E. O outro, semelhante ou inimigo? In. NOVAES, Adauto. (org.) Civilização e Barbárie. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FRANÇA, C. E. O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos skinheads “carecas do Brasil” na sociedade paulista contemporânea. Marília/2008, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GRANDE, S. V. L. Violência urbana e juventude em São Paulo: um estudo de caso sobre os skinheads. Araraquara: dissertação de Mestrado, 2001.
- HOCKENOS, P. Livres para odiar. São Paulo: Scritta, 1995.
- LEVI, G. Sobre a micro-história. In: Burke, P. (org.) A escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- NOBREGA DE JESUS, C. G. Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987 – 2003). São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- MANNHEIN, K. A crise da sociedade contemporânea. FORACCHI, M; PEREIRA, L. (Org.). In: Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Nacional, 1964.
- MARTINS, J. S. Subúrbio: Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HICITEC, 1992.
- POSSAS, L. M. V. O Trágico Três de Outubro: estudo histórico de um evento. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1993.
- SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 12, n. 34, p. 25-37, junho 1997.
- SCHWARCZ, L. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. In: Burke, P. (org.) A escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- THOMPSON, E. A miséria da teoria ou um plenário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zarár, 1981.
- _____. A formação da classe operária inglesa. III volumes, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- TUAN, Yi Fu. Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo:Difel,1983.
- VIZENTINI, P. F. O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, L.

VIZENTINI, P. F. Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000.

WOLFF, F. Quem é bárbaro? In. NOVAES, Aauto. (org.) Civilização e Barbárie. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.